**XII Taller de Extensión Universitaria**

**Título: Direitos Humanos, Saúde e Cidadania na atenção a Mulheres, crianças e adolescentes vítimas de violência doméstica e sexual.**

**Modalidade: Comunicação Oral**

**Autores: GUEDES, Maria Eunice Figueiredo, Ms. Universidade Federal do Pará – UFPA, Brasil. Professora e Coordenadora do Projeto de Extensão “Promovendo os Direitos Humanos, Saúde e Cidadania através do apoio e atenção a mulheres, crianças e adolescentes vítimas de VDS.E-mail** [**nicepsique@hotmail.com**](mailto:nicepsique@hotmail.com)**.**  **LIMA, Fernanda Tamie Isobe Estudante do curso de Psicologia da Universidade Federal do Pará – UFPA, Brasil. Integrante do Projeto de extensão. E-mail** [fernandaisobe@hotmail.com](mailto:fernandaisobe@hotmail.com); **Co-autores: ;RODRIGUES, Ilana P. Botelho Estudante do curso de Psicologia da Universidade Federal do Pará – UFPA, Brasil. Integrante do Projeto de extensão. E-mail:** [ilana.botelho@yahoo.com.br](mailto:ilana.botelho@yahoo.com.br) **; RODRIGUES, Weverton Ruan Estudante do curso de Psicologia da Universidade Federal do Pará – UFPA, Brasil. Integrante do Projeto de extensão. E-mail:** [wevertonobama2@gmail.com](mailto:wevertonobama2@gmail.com).

**Resumo**

Garantir a reintegração Social de mulheres, crianças e adolescentes com o restabelecimento da auto –estima, de seu relacionamento interpessoal, para que assim ser sujeitos de direito e cidadania é o nosso objetivo com este projeto pois viabiliza ações de combate à violência Doméstica e sexual –VDS que continuam fazendo parte de nossa realidade, A ocorrência de um grande número de casos de violência doméstica e sexual, seja sobre adultos, seja sobre adolescentes, no Estado do Pará e mais particularmente na Região Metropolitana de Belém –RMB é um fator relevante pois os indicadores epidemiológicos e sociais apontam o Estado em segundo lugar , a nível do Brasil, em número de violências doméstica. Em decorrência deste fato estamos desenvolvendo ações interdisciplinares na UFPA de Atendimento às crianças, mulheres e adolescentes vitimizadas. Nós partimos do pressuposto teórico-prático de que a vivência de situações de violência, por parte de mulheres e adolescentes, têm conseqüências no âmbito físico e psíquico. Trabalhamos com as categorias de gênero, saúde feminina e mental e nos apoiamos nos trabalhos teóricos de Burin (1987),Guedes(1995), Ribeiro(1993), União de Mulheres de São Paulo (2000), Scott (1991),Zanetti (1986) entre outras(os) teóricas(os) que têm feito a reflexão entre saúde feminina, violência e saúde mental. A equipe que compõe o projeto é constituída por Psicóloga, discentes do curso de Psicologia da UFPA. Têm o apoio do Programa de atendimento Jurídico a vítimas de violência. Este programa funciona no Núcleo de Prática Jurídica da UFPA. Até o momento foram realizadas as seguintes atividades : articulação e sensibilização de entidades governamentais e não governamentais da saúde para identificação da rede de promoção e atenção à VDS; sensibilização e capacitação dessa rede por meio de oficinas e palestras na comunidade de Terra Firme, Combú; Municípios de 04 territórios de saúde do Estado do Pará (Abaetetuba, Soure, Tailândia, Jacundá, Bragança e Capanema); Atendimento , através de escuta individual das crianças, mulheres ou adolescentes vítimas de violência; Realização de 4 Grupos educativos sendo 02 formado por 10 mulheres, 01 por 12 adolescentes e 01 por familiares, onde se utiliza instrumentos como dinâmicas de grupo, filmes e depoimentos de vida das situações de conflito destas participantes (ocasionadas pela violência Doméstica e sexual) para trabalhar o empoderamento e autoestima; ligados a promoção da saúde e violência contra mulheres. A população atendida pelo Projeto nos é encaminhada pelas entidades que compõe essa rede ou demanda expontânea a partir das pessoas atendidas pelo setor jurídico do NPJ.

**Abstract**

Ensure social reintegration of women, children and adolescents with the restoration of self -esteem , their interpersonal relationships , so that being subject to the law and citizenship is our goal with this project since it allows actions against Domestic and Sexual Violence - VDS that are still part of our reality , the occurrence of a large number of cases of domestic and sexual violence , whether on adults , is about teenagers in the state of Pará , and more particularly in the metropolitan region of Belém - RMB is a relevant factor for epidemiological and social indicators point to the second state , the level of Brazil in number of domestic violence . Due to this fact we are developing interdisciplinary actions in UFPa Service to children , women and teens victimized . We start from the assumption that theoretical and practical experience of the situations of violence by women and adolescents , have consequences in the physical and psychic . We work with the categories of gender , women's health and mental and theoretical work in support of Burin (1987 ) , Guedes (1995 ) , Ribeiro (1993 ) , Women's Union of São Paulo (2000 ) , Scott (1991 ) , Zanetti ( 1986) among others ( the ) theoretical ( those ) who have done the reflection between women's health , violence and mental health. The team that makes up the project consists Psychologist, students from the Psychology UFPa . Have the support of the Program for legal assistance to victims of violence . This program works in the Center for Legal Practice UFPA . To date , the following activities were undertaken : articulation and awareness of governmental and non-governmental health for network identification of promotion and attention to VDS , sensitization and training of this network through workshops and lectures in the community of Upland , Combú ; territories of 04 municipalities health of Pará ( Abaetetuba , Soure , Thailand , Jacundá , Bragança and Capanema ) ; Service , through listening to individual children , women or adolescents who are victims of violence ; Conducting Educational Groups 4 and 02 formed by 10 women , 01 of 12 adolescents and 01 per family , which uses instruments such as group dynamics , films and testimonies of life conflict situations these participants ( occasioned by Domestic and sexual violence ) to work empowerment and self-esteem ; linked to promoting health and violence against women . The population served by the project is forwarded by the entities that make up that network or spontaneous demand from the people served by the legal industry NPJ.

**Keywords: Mental health and violence, Human Rights and Citizenship**

1. **Introdução** 
   1. **Violência de Gênero**

A violência é uma realidade tão antiga quanto a humanidade. Está atrelada à “necessidade” de poder, que é exercido contra o mais fraco, contra a minoria ou, às vezes, contra a maioria, no caso do poder político e religioso. Em todos os casos, o indivíduo ou o grupo é resignificado, por parte do agressor, com um tipo de ameaça e alvo para a obtenção de prazer pela subjugação.

Antes, o que era de domínio dos jornais e de programas sensacionalistas, tornou-se corriqueiro de se ver e ouvir em qualquer telejornal mais respeitado. E, não muito longe, talvez em nossa própria vizinhança nos deparemos com casos de espancamento e violência sexual que se pode provocar morte e deixar sequelas físicas e psíquicas para o resto da vida. Nesse cenário mórbido, as maiores vítimas são sempre crianças, adolescentes e mulheres.

Embora esta realidade nos intimide, é preciso que a enfrentemos a partir da integração de diferentes setores como o da saúde, da justiça, segurança pública e outros. Também já é tempo (ou sempre foi) de pensarmos sobre a questão do direito e lembrarmos que a lei antes de tudo, “... era força bruta e que, mesmo hoje, não pode prescindir do apoio da violência”... (Freud, 1933).

Arendt (1985) analisa a relação entre poder e violência no campo social e político partindo do pressuposto de que eles ocupam polos contrários *“onde um domina de forma absoluta, o outro está ausente*”(Arendt,1985,p.30). O poder é, segundo Arendt, aquele que delegamos a outrem: elegemos um outro e de comum acordo o fazemos representante de nossos anseios e decisões. Este então não precisa utilizar de força para exercer seu poder, ao contrário, quando a força se faz presente o poder já foi ou está sendo perdido. Portanto, está instalada uma potência e a utilização da violência ocorre na tentativa de retomar, a qualquer custo, aquilo que foi perdido.

Assim, esta análise torna-se válida para a compreensão da violência no âmbito doméstico pois o masculino ocupa um espaço privilegiado nas sociedades, e como tal, supostamente, detém um poder sobre a mulher. Na relação conjugal é reafirmado esse lugar de macho, o contrato matrimonial é o meio legal pelo qual se estabelece o controle do marido. A existência de leis civis e religiosas outorgam aos homens direitos sobre as mulheres e alimentam a crença de que eles como seus protetores e proprietários têm o direito de bater em suas esposas, aplicando o que chamavam de *“castigos domésticos”*(Langley e levy,1980,p.56) da mesma forma que podiam castigar crianças e aprendizes. À mulher cabia apenas obedecer os ditames sociais e religiosos segundo Almeida e Saffioti (1995) pois,

“... dada sua socialização, as mulheres tendem a ser muito provedoras no campo afetivo... e cuidar do material. Trata-se de tarefas muitas vezes penosas que a mulher desenvolve para agradar, uma vez que lhe ensinaram a tentar agradar sempre...”(Almeida e Saffioti,1995,p.86)

Afinal esse era o significado do ser mulher – amar incondicionalmente, ser mãe. Para manter este suposto poder, fixando papéis/ lugares, é que o homem utiliza-se da força tenta assegurar-se do seu dito poder pela violência. Essa postura é tolerada e legitimada pela sociedade, e é justamente a aceitação social da violência masculina contra as mulheres (e meninas) que faz dela uma violência de gênero. As pesquisas indicam que a maioria das agressões físicas ocorridas no âmbito doméstico são sofridas por pessoas do sexo feminino, estando mulheres e meninas mais expostas.

A violência de gênero é pandêmica por assim dizer, pois está presente no mundo todo, é um problema mundial que atinge mulheres independentemente de idade, cor, etnia, condição social ou religião. Está presente em todos os espaços sociais, mas é no privado, nas relações conjugais, que ela expressa sua face mais destruidora. Portanto, a violência doméstica é violência de Gênero.O ato violento destrói a segurança de um indivíduo e é capaz de abolir os aportes de uma identidade, aniquila desejos, autonomia e liberdade.

No nosso trabalho a agressão física é o tipo de violência mais denunciado, o que não quer dizer que é a mais cometida. Outros tipos de violência mais veladas, nem por isso menos destruidoras, ocorrem diariamente entre quatro paredes e não são percebidas como violência pelas mulheres. É o caso das ameaças, calúnias, difamações que constituem violência de cunho psicológico bastante eficazes na domesticação/ adestramento das mulheres frente à dominação masculina.

Outro tipo de violência comumente sofrida pelas mulheres dentro de casa e raramente denunciada é o abuso sexual. Primeiramente, porque muitas mulheres acreditam que o ato sexual é um dever conjugal ao qual ela tem que se submeter, mesmo contra a sua vontade, para dar prazer ao parceiro cumprindo assim, seu papel de esposa. Em segundo lugar, porque sentem muita vergonha de se expor ao falar de um assunto tão íntimo. Portanto, por trás de toda violência há uma ideologia que cria e lhe dá sustentação. Embora nem sempre seja percebida pelos sujeitos envolvidos, ocorrendo assim, a perpetuação e reprodução daquela, pelos homens e mulheres, em suas relações sociais, sem que estes (as) se dêem conta disto.

**I.2.1 O Ciclo da Violência**

Não é fácil compreender a problemática em questão, principalmente quando vemos que uma mulher verbaliza estar cansada de apanhar, denuncia o cônjuge/ agressor e logo depois volta a mesma relação; ou mesmo, permanece em outra relação violenta por anos a fio sem dela conseguir sair.

As perguntas sempre suscitadas “por quê uma mulher aceita isso?” ou “ por quê você fica nessa relação?” carregam consigo um julgamento altamente culpabilizador, que de alguma forma, desconsidera ou desconhece todos os mecanismos que inviabilizam a saída da relação violenta. Esses tipos de afirmações acabam apontando/reforçando o que seria considerado socialmente como “ mais um fracasso da mulher, que além de não fazer um bom casamento, não consegue levar a cabo sua ruptura” (grifo nosso)[[1]](#footnote-1). Diversos estudos indicam que esta permanência se deve a vários fatores. Dentre eles a problemas sócio-econômicos-culturais e o emprego dos mecanismos intrínsecos ao ciclo da violência.

A Violência Doméstica e sexual pode ocorrer no “lar–doce–lar” (grifo nosso), no seio da família, que é um espaço onde se tem idéia de amparo, afetividade, no qual se desenvolve a base para a socialização do indivíduo.

O “lar-doce-lar” também passa a ser para mulheres, crianças e adolescentes atendidos pelo grupo educativo[[2]](#footnote-2), um espaço de espancamento físico e psicológico, permeado de depreciação. Se qualquer tipo de violência acarreta prejuízos à vítima, imagina a desencadeada na família?

Adolescentes maltratados podem se tornar adultos agressores. Esse é o "Ciclo da Violência". O pai que hoje maltrata o filho, pode ter sido agredido na infância ou até mesmo abusado sexualmente, justificando a importância de tentar entender o processo, que está ocorrendo no universo social e familiar onde este adolescente se encontra.

A violência doméstica traz em si representações culturais socialmente construídas tais como a noção de proteção à infância; de castigo com instrumento pedagógico; de hierarquia familiar e de dominação do mais forte. Esses elementos podem variar de acordo com a posição de classe;renda salarial; se os filhos foram ou não desejados; uso de drogas e álcool; abusos sexuais sofridos pelos pais etc. Duque-Arrazola(1997) em trabalho sobre o cotidiano de meninos e meninas em situação de pobreza na cidade de Recife coloca que as famílias e adolescentes de classes mais baixas estão sujeitas diferenciadas de outros adolescentes (de classe mais alta) afirmando que na situação de pobreza,

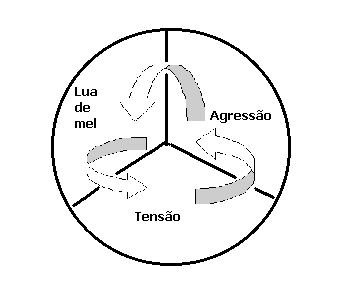
“...na situação de pobreza desses grupos domésticos familiares, frequëntemente os pais, mães, marido e mulher, irmãos e irmãs falam na presença dos(as) filhos(as) da pesada carga que estes(as) representam...Nessas cruas condições de vida, além do mais, desde pequenos(as), meninos e meninas só escutaram dizer que foram indesejados(as),rejeitados(as) pelo pai ou pela mãe, pelos avôs ou pelas avós, por serem filhos(as) de mãe solteira, de mãe adúltera, aquela que colocou galha no marido e que, por isso, foi abandonada. Pobreza que expõe com maior evidência e nudez, se comparada com outros grupos domésticos de classe sociais distintas, o poder e a dominação dos homens da casa e a subordinação e dependência das mulheres do grupo doméstico...Mesmo assim, e sob essas condições, meninos e meninas aprendem a relacionar-se com os(as) outros(as), definem-se como seres sociais-sujeitos-nas suas relações com os(as) outros(as)...(Duque-arrazola,1997,pp.383-384)

Saffiotti (1997) por outro lado pontua dois tipos de violência: estrutural e violência inerente às relações interpessoais adulto-criança (Saffioti,*apud* Azevedo e Guerra,1997,p.145) existentes na sociedade e faz algumas considerações sobre essas colocações das autoras.

“A violência estrutural, inerente ao modo de produção das sociedades desiguais em geral e da sociedade capitalista em particular, não é a única forma de fabricar crianças vítimas. A seu lado- e por vezes, mas não necessariamente em intersecção com ela -coexiste a violência inerente às relações interpessoais adulto-criança (Grifos no original)...Da maneira como a idéia foi exposta, sinaliza a inexistência de contradição nas relações de gênero e nas étnico-raciais, o que vale dizer que a violência não é inerente a estas relações. A postura aqui assumida é frontalmente contrária...porque o gênero e a raça/etnia são tão fundantes das relações sociais quanto a classe...(Saffioti, 1997,pp.145-146)

O ciclo da violência, para a maioria dos (as) autores (as) se divide em três fases, como ilustra a fig. 1.

**Fig. 1: Ciclo da Violência (ciclo ininterrupto, sem início ou fim, da lua de mel para a tensão, para a agressão, para a lua de mel etc.)**



Na fase de tensão são constantes ameaças e cobranças por coisas triviais como servir o almoço ou arrumar a casa. Diante das cobranças e ameaças é comum a mulher procurar obedecer ao marido mesmo que pareça irracional, agindo de forma a administrar a situação para que a ameaça não se concretize.

Na fase de agressão as ameaças concretizam-se de fato, muitas vezes em ocasiões inesperadas pelo motivo mais banal. Logo após, o agressor se diz arrependido, mas transfere para a mulher a culpa pelos seus atos, já que as regras outrora impostas por ele forma descumpridas. As regras variam desde tarefas domésticas, passa pelos ditos “deveres conjugais” e chega ao extremo da privação de comunicação com parentes e/ ou vizinhos. Ela é a culpada, mas ele a perdoa. Ela muitas vezes admite e assume sua culpa, prometendo não mais cometer o erro e ele a corrompe com juras de amor e compromete-se a mudar. Esta é a chamada fase da Lua-de-mel, considerada a mais significativa, pois é quando renovam-se as esperanças de que tudo ainda pode mudar para melhor, ativando-se suas fantasias de enfim encontrar o príncipe tão falado nos contos infantis e viver com ele como nos finais felizes de filmes românticos.

Permeando estas fases estão muitos mecanismos que potencializam sua eficácia. O isolamento é um deles. O agressor no início de um relacionamento, alegando ciúmes, afasta a mulher da família, amizades, trabalhos ou estudos, podendo assim manter o controle da situação, restringindo a vida da mulher ao âmbito doméstico no qual ele reina absoluto. Mas é dela a responsabilidade de zelar pelo bom andamento do lar e da felicidade da família (como dizem nossos avós). É comum que ele faça constantes comentários depreciativos sobre a capacidade intelectual e o corpo da mulher, inclusive em público. Ele picha a imagem dela e exalta a sua fazendo-se onipotente frente às leis.

Estas formas de conduta fazem com que a mulher enxergue através do olhar do homem, destruindo sua auto-imagem, fazendo-a sentir-se insegura, isolada do mundo e dependente exclusivamente dele. Muitas mulheres sequer realizam exames médicos por impedimento se seus parceiros, que as submetem a atos sexuais sem o seu consentimento e/ ou desejo.

Por outro lado a realidade do agressor se torna a realidade da “vítima”, torna-se dependente da obediência dela. É um falso sentimento de poder e controle. A saída da mulher desse controle significa o fim do mundo dele. Dizer não é contestar o poder masculino, é atestar a sua impotência.

As pesquisas indicam que as agressões mais graves, incluindo as que resultam em homicídio, ocorrem quando a mulher tenta sair da relação ou depois da separação, o que confirma a tese do suposto poder do qual os homens se acham investidos.

Há muitos fatores subjacentes à permanência da mulher na relação conjugal violenta. Uma das mais importantes é a sua atitude diante da violência: se ela vê a violência como algo normal, dificilmente tentará mudar a relação, mesmo que esta lhe seja dolorosa e humilhante. O padrão de relacionamento familiar é, pois, potencialmente determinante na forma de vida de um indivíduo. Está provado que as crianças abusadas serão potencialmente agressoras quando adultas. É comum que as mulheres vitimadas venham de famílias onde havia a violência conjugal. Estas mesmas mulheres investem a violência sofrida contra seus filhos, os quais estão sobre o seu domínio na escala hierárquica do poder familiar. As dificuldades financeiras para criar os filhos sem a colaboração do homem e a falta de apoio familiar podem ser também apontados como um fator.

A dependência emocional figura como importante fator de permanência. Pelo temor da solidão, hesitam em denunciar o companheiro. O sentimento de afeto a este é quase sempre negado, mas uma escuta mais atenta e sensível consegue torná-lo aparente.

Contudo, Langley e Levy (1980) em trabalho intitulado *“Mulheres espancadas-fenômeno invisível”* mostraram que o rompimento do ciclo da violência é sempre feito pela mudança de atitude da mulher, que, a seu tempo, não suporta mais, decide sair do relacionamento. Algumas reagem ao primeiro sinal de ameaça, outra após várias agressões físicas. De qualquer forma significa uma mudança de atitude ou de posição, na relação com o parceiro, a saída da mulher da relação de violência.

**1.3 A violência na Amazônia**

A incidência cada vez maior de casos, tem preocupado as inúmeras organizações de mulheres que trabalham em defesa dos direitos e da dignidade da mulher, prezando pela construção de uma sociedade mais tranqüila, onde todos possam exercer sua cidadania plena, com o exercício de direitos e respeito às diferenças.

Presente desde a década de 70 na agenda dos movimentos da região Norte (Amazônia) o tema violência teve sua atenção voltada para a questão do assassinato de mulheres e na impunidade dos criminosos até a década seguinte. Na década de 80 os crimes praticados pelos maridos começaram a ser denunciados sob a ótica da violência de gênero. O trabalho de denuncia foi intenso nesta década em que as campanhas para a condenação de estupradores e assassinos de mulheres deram visibilidade a questão e aos movimentos.

A década de 90 caracteriza-se pelo levantamentos de dados da violência junto a delegacias e à imprensa. A frequência dos atos de agressividade (assassinatos, estupros, espancamentos, violência psicológica, abusos sexuais, etc.) contra a mulher, demonstra por outro lado, a dramaticidade da violência especifica de gênero, que reúne todas as formas de abuso, instituídos cultural e socialmente contra a mulher.

Nosso projeto enquadra-se na perspectiva de buscar estratégias para melhorar a situação da mulher e do menores, que são vítimas de violência Doméstica e Sexual em Belém. Atualmente ocorrem um grande número de casos de violência doméstica e sexual, seja sobre adultos, seja sobre adolescentes. Em Belém, em 2012 (de janeiro a setembro), foram realizados 3769 registros policiais de crimes contra a Mulher no Estado do Pará (dados SEGUP/PA) sendo que destes 1497 foram feitos nos municípios da Região Metropolitana de Belém – RMB (sendo 893 em Belém) segundo informações a Coordenadoria da Mulher do Estado do Pará . Ou seja quase 40 % do total de registros de crimes contra as mulheres ocorreram na RMB.

Após a edição da Lei 11340/2006 mais conhecida como Lei Maria da Penha –LMP foram registrados na Divisão Especializada de Atendimento- DEAM da Secretaria de Segurança Pública do Estado do Pará –SEGUP/PA (de setembro de 2006 a agosto de 2012) 11221 Boletins de ocorrência Policial – BOP em Belém. Número extremamente significativo. Destes crimes somente 1039 dos agressores foram presos.

Existe também uma morosidade na justiça pois o Tribunal de Justiça do Estado do Pará – TJEP (nas 03 varas de violência doméstica e familiar contra a mulher) pois esta só condenou 56 agressores (de janeiro de 2011 a julho de 2012) embora tenha concluído nesse período 3368 processos.

Os dados de notificação de violência contra a mulher - NVC por outro lado nos serviços de saúde em vários hospitais públicos e privados e unidades de saúde da capital são enormes. De 2009 a 2012 foram notificados 9220 casos em Belém. Na RMB foram realizados 1068 atendimentos pelos serviços de saúde em 2011 sendo que 781 em Belém. Estes números estão sub dimensionados pois ainda hoje os serviços notificam pouco as ações de violência atendidas pelo setor saúde. Muitos dos atendimentos realizados encontram não só um tipo situação de violência mas múltiplas. Entre estas se destacam com maiores ocorrências a violência sexual e a violência física, psicológica. Muitas situações no entanto esses 03 tipos se somam (são violências simultâneas) como podemos observar na tabela 1.

|  |  |  |  |  |  |  |  |  |
| --- | --- | --- | --- | --- | --- | --- | --- | --- |
| **Tabela 1- SINAN: ATENDIMENTOS FEMININOS POR VIOLÊNCIAS. BRASIL. 2011.** | | | | | | |  |  |
|  | | | |  |  |  |  |  |
| **Município** | **UF** | **Total Atendi-mentos** | **Tipos de Violência** | | | | | **Taxa (em 100 mil)** |
| **Física** | **Psicoo-lógica** | **Sexual** | **Negli-gência** | **Outras** |
| Ananindeua | PA | 203 | 65 | 94 | 191 | 1 | 12 | 82,7 |
| Belém | PA | 781 | 431 | 343 | 492 | 16 | 7 | 106,3 |
| Benevides | PA | 31 | 13 | 22 | 29 |  | 4 | 120,0 |
| Marituba | PA | 35 | 16 | 23 | 32 | 1 | 6 | 64,4 |
| Santa Bárbara do Pará | PA | 18 | 11 | 13 | 18 |  |  | 214,6 |
| **Total** | **PA** | **1.068** | **536** | **495** | **762** | **18** | **29** |  |

A mobilização das mulheres fez com que Governos e governantes iniciassem discussão sobre a necessidade de formulação de políticas públicas objetivando a prevenção, punição e erradicação da violência contra a mulher.

As variáveis se modificam de cultura para cultura, e estão ligadas às tipicidades culturais nas quais se inserem, como a dinâmica do núcleo familiar e a história de vida, da criança e adolescente; o processo histórico e social; a classe social; o tipo de trabalho exercido etc assim como as demandas e propostas das comunidades.

Entre as conquistas fruto da mobilização dos movimentos de mulheres no âmbito do combate à violência doméstica e sexual temos: criação de Delegacias Especializadas de Atendimento à Mulher, 02 Albergues para atendimento às mulheres em situação de violência e sob risco de vida (municipal e estadual), investimento ainda pequeno na formação de profissionais que lidam com a temática da violência, criação do fórum de discussão entre a rede de Serviços, regulamentação do Programa do Aborto Legal no Hospital Santa Casa.

O documento de pauta do 8 de março de 2012 dos movimentos de mulheres do Pará aponta algumas demandas e propostas que, se forem efetivadas contribuirão para melhorar a qualidade de vida das mulheres eliminando a discriminação de gênero na consolidação de uma plena cidadania feminina e diminuição da violência doméstica e sexual no Pará. Destacamos algumas :

* Realização de Campanhas sistemáticas veiculadas pela grande mídia/sensibilização da sociedade para a problemática e estímulo à quebra do silêncio sobre a violência doméstica e familiar contra mulheres e meninas;
* Reestruturação dos equipamentos sociais/melhoria das Delegacias especializadas e abrigos para mulheres;
* Incluir no Currículo do Curso de Formação dos policiais a discussão de Gênero;
* Reformulação e atualização do Código Penal;
* Educação não sexista, orientação sexual nas escolas;
* Atendimento psicossocial às pessoas vitimizadas pela Violência Doméstica e Sexual.

Em Dezembro de 1999, foi montado e coordenado por nós um trabalho experimental de atendimento psicossocial a mulheres adultas, crianças e adolescentes no Hospital Bettina Ferro de Souza-HUBFS denominado “Programa de atendimento a mulheres , crianças e adolescentes vítimas de violência Doméstica e Sexual”[[3]](#footnote-3) - PEMA. Este projeto teve como objetivo a prevenção, atenção e atendimento a crianças, adolescentes e mulheres que são vítimas de violência doméstica e sexual em Belém.

No entanto temos hoje uma nova perspectiva de trabalho no campo da promoção de direitos e cidadania e prevenção à violência doméstica e sexual na UFPA que é o nosso trabalho atual em parceria com o Programa de Atendimento jurídico de atendimento a vítimas de violência instalado no Núcleo de Prática Jurídica –NPJ da UFPA e no qual se demanda o retorno deste tipo de intervenção que realizamos anteriormente através do PEMA[[4]](#footnote-4).

Retomamos então essa experiência anterior com uma ação interdisciplinar no âmbito da promoção e atenção à VDS.

As ações de sensibilização, e atenção a vítimas de VDS em termos de proposta de intervenção seguem um enfoque pedagógico que estimulam a participação popular e a emancipação do ser humano desde a concepção das ações, levando em consideração que toda comunidade onde ocorrerá uma intervenção detém um saber prévio que deve ser respeitado. Através de metodologias participativas busca-se então construir junto as/aos envolvidos no projeto a consciência de que todos somos atrizes/atores de um projeto de sociedade. Com este enfoque procura-se estimular a participação da universidade na relação com a comunidade e demais esferas onde a comunidade possa participar e contribuir ativamente da formulação e implementação das políticas públicas.

**Referências Bibliográficas:**

ALMEIDA & SAFFIOTI, H.(1995) *Violência de Gênero, Poder e Impotência*. Rio de Janeiro: Revinter.

ARENDT, H**.** (1985) *Da Violência*.Brasília:Ed. UnB.

ARIÈS, P. (1978) *A História Social da Família e da Criança*. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara.

AZEVEDO, M. A.G. (1988) *Pele de asno não é só história... um estudo sobre a vitimização sexual de crianças em família*. São Paulo: Editora Roca

BOCK, A. M. B. A *psicologia sócio- histórica: uma perspectiva crítica em psicologia*. *In*: BOCK, A. M. B; GONÇALVES, M. G. M; FURTADO, O. (Org.). Psicologia sócio-histórica: uma perspectiva crítica em psicologia. São Paulo: Cortez, 2001. p. 15-35.

BURIN, M. (1987) Estudios Sobre La Subjetividad Femenina – Mujeres Y Salud Mental. Buenos Aires, Grupo Editor Latinoamericano / Colección Controversia

DUQUE-ARRAZOLA, L. S. (1997) *O cotidiano sexuado de meninos e meninas em situação de pobreza* In Madeira, Felícia Reicher (org.) **Quem mandou nascer mulher? Estudos Sobre Crianças e Adolescentes Pobres no Brasil**. Rio de Janeiro: Record/Rosa dos Tempos, pp.135-211

GUEDES, M. E. F. (1995) *Gênero o que é Isso?* In Revista do Conselho Federal de Psicologia. Brasília, CFP

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_(2002) *Algumas considerações entre Gênero, Violência e o Programa Prevenção, atenção e atendimento a mulheres, crianças e adolescentes vítimas de violência doméstica e sexual- PEMA.* Belém, mimeo , pp.17-32.

MINISTÉRIO DA SAÚDE (1985) *Assistência Integral à Saúde da Mulher:bases de ação programática.* Brasília:Centro de documentação do Ministério da Saúde

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_(1997) *Norma Operacional Básica do Sistema de Saúde/NOB-96*. Brasília: Ministério da Saúde

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_(1998) *Norma Técnica em relação à violência Sexual. Brasília: Centro de documentação do Ministério da Saúde*. . Brasília: Ministério da Saúde

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_(2001) *Portaria nº 1968/GM*. Brasília, mimeo

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_(2002) *Norma Operacional de Assistência à Saúde 01/2002-NOAS-SUS*. Brasília: Ministério da Saúde

MINISTÉRIO DA SAÚDE/CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE (2002*) O Desenvolvimento do Sistema único de Saúde: avanços, desafios e reafirmação dos seus princípios e diretrizes*. Brasília:Editora MS

SAFFIOTI, H., I.B.(1989) *A Síndrome de o pequeno poder* In Azevedo, Guerra (org.) **Crianças vitimizadas: a síndrome do pequeno poder**.São Paulo: Iglu Editora, pp.25-47

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_ (1992) *Abuso sexual incestuoso*. Relatório de pesquisa apresentado ao CNPq. Investigação realizada na cidade de São Paulo, com 52 famílias incestuosas, por meio de entrevistas gravadas com as vítimas, suas mães e agressores, entre 1988 e 1992.

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_(1997a).*No fio da navalha: violência contra crianças e adolescentes no Brasil atual* In Madeira, Felícia Reicher (org.) **Quem mandou nascer mulher? Estudos Sobre Crianças e Adolescentes Pobres no Brasil**. Rio de Janeiro:Record/Rosa dos Tempos, pp.135-211

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_(1997b) *Violência Doméstica ou a Lógica do Galinheiro*. In: **Violência em Debate**. Krupotas, M. (org). São Paulo: Moderna, p. 46.

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_(2002). *Gênero e Patriarcado*.São Paulo, mimeo.

SCOTT, Joan. (1991) *Gênero; uma categoria útil para análise histórica*. Trad. Christine Rufino Dabat e Maria Betânia Ávila. Do original Gender: An useful category of hystorical analyses. Recife: S.O.S. Corpo.

1. Foram várias vezes que escutei em trabalho de atendimento a mulheres vítimas de violência este tipo de afirmação por parte das mulheres vitimizadas. Verbalizavam no grupo o sentimento de fracasso diante da expectativa (s) que tinham da relação de casamento. [↑](#footnote-ref-1)
2. Conforme vários relatos feitos por pacientes no PEMA. [↑](#footnote-ref-2)
3. Este trabalho foi implementado em sua versão mais recente em dezembro/1999, embora desde 1997 tenha se discutido com Delegacia da Mulher/Belém, Juizado da Infância e Adolescência, OAB a operacionalização desse trabalho. Em 1998 ele funcionou na sede da OAB/Pará. Em 1999 se mudou para o Hospital Universitário Bettina Ferro de Souza –HUBFS da UFPA. Esse trabalho foi coordenado pela Profª Maria Eunice Figueiredo Guedes do DPSE/UFPA até Novembro/2001 quando foi assumido pela Profª Milene Xavier Veloso do DPSE/UFPA.Inicialmente atendia mulheres adultas sendo que a partir de março/2001 passou a atender crianças e adolescentes. Esse trabalho contou com a parceria de organismos governamentais e não governamentais como Fórum de Mulheres da Amazônia Paraense, CMCF, Albergue Emanuele Diniz, Abrigo Dulce Accioly, GEMPAC, Conselhos Tutelares, DATA, MNMMR, RedeSaúde/Pará, entre outras entidades. [↑](#footnote-ref-3)
4. Professoras de outros cursos como a Enfermagem , Ciências Sociais, Odontologia estão também contribuindo com esse projeto do NPJ. [↑](#footnote-ref-4)